


Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)



**EDUCAÇÃO:**  
**SOCIEDADE CIVIL, ESTADO**  
**E POLÍTICAS EDUCACIONAIS**  
**2**



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Correção:** Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

E24 Educação: sociedade civil, estado e políticas educacionais 2  
/ Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta  
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-780-2

DOI 10.22533/at.ed.802210102

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da  
(Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a repensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. Mesmo em 2021 e com a recente aprovação do uso emergencial das vacinas no Brasil, seguimos um distanciamento permeado por angústias e incertezas: como será o mundo a partir de agora? Quais as implicações do contexto pandêmico para as questões sociais, sobretudo para a Educação no Brasil? Que políticas públicas são e serão pensadas a partir de agora em nosso país?

E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro. Sabemos, partindo do que nos apresentaram Silva, Nery e Nogueira (2020, p. 100), que as circunstâncias do contexto pandêmico são propícias e oportunas para construção de reflexões sobre os diversos “aspectos relativos à fragilidade humana e ao seu processo de ser e estar no mundo, que perpassam por questões culturais, educacionais, históricas, ideológicas e políticas”. Essa pandemia, ainda segundo os autores, fez emergir uma infinidade de problemas sociais, necessitando assim, de constantes lutas pelo cumprimento dos direitos de todos.

Esse movimento sistemático de olhar para as diversas problemáticas postas na contemporaneidade, faz desencadear o que o que Santos (2020, p. 10) chamou de “[...] claridade pandêmica”, que é quando um aspecto da crise faz emergir outros problemas, como os relacionados à sociedade civil, ao Estado e as políticas públicas, por exemplo. É esse, ainda segundo o autor, um momento catalisador de mudanças sociais. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade, portanto, é um desafio, aceito por muitas professoras e professores pesquisadores brasileiros, como os compõe esse livro.

Destarte, as discussões empreendidas nesta obra, “**Educação: Sociedade Civil, Estado e Políticas Educacionais**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re)pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Reúne-se aqui, portanto, um conjunto de textos originados de autores e autoras de diferentes estados brasileiros e países.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestras, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem

os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

## REFERÊNCIAS

SILVA, A. J. N. DA; NERY, ÉRICA S. S.; NOGUEIRA, C. A. Formação, tecnologia e inclusão: o professor que ensina matemática no “novo normal”. **Plurais Revista Multidisciplinar**, v. 5, n. 2, p. 97-118, 18 ago. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

CARTOGRAFIA DE UMA MILITÂNCIA MOLECULAR: A REVOADA SECUNDARISTA DE 2016

Fernando Hiromi Yonezawa  
Lígia Caroline Pereira Pimenta  
Marcia Roxana Cruces Cuevas

**DOI 10.22533/at.ed.8022101021**

### **CAPÍTULO 2..... 17**

HOMESCHOOLING: DESAFIOS DO ENSINO DOMICILIAR NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA - ES

Mateus Xavier Corrêa  
Sebastião Pimentel Franco

**DOI 10.22533/at.ed.8022101022**

### **CAPÍTULO 3..... 28**

AUXÍLIO MORADIA NO IF BAIANO *CAMPUS* SANTA INÊS – UM REFLEXO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS

Nelian Costa Nascimento  
Nívia Barreto dos Anjos  
Tailan Bomfim Andrade

**DOI 10.22533/at.ed.8022101023**

### **CAPÍTULO 4..... 39**

CREATION OF EDUCATIONAL RESOURCES IN ART HISTORY USING SEMANTIC TECHNOLOGIES

Antonio Sarasa Cabezuelo

**DOI 10.22533/at.ed.8022101024**

### **CAPÍTULO 5..... 51**

AS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: REFLETINDO SOBRE PRÁTICAS COLETIVAS

Dayane Horwat Imbriani de Oliveira  
Taissa Vieira Lozano Burci  
Sílvia Eliane de Oliveira Basso  
Renata Oliveira dos Santos  
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig  
Camila Tecla Morteau Mendonça

**DOI 10.22533/at.ed.8022101025**

### **CAPÍTULO 6..... 57**

EXPERIENCIAS PEDAGÓGICAS EN ZONAS RURALES

Yuli Paulin Barinas Soto  
Sara Lucía Gonzalez Aroca  
Sandra Geraldine Ramírez Palacios

**DOI 10.22533/at.ed.8022101026**

|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 7.....</b>   | <b>65</b>  |
| EDUCAÇÃO E CIDADANIA: O COMPROMISSO DOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS NA EFETIVAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA  |            |
| Maria Leonilde da Silva.   |            |
| Antônio Rodrigues da Silva Filho   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8022101027</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 8.....</b>   | <b>77</b>  |
| REPRESENTAÇÕES SOBRE A ESCRAVIDÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS: O QUE MUDOU TRANSCORRIDOS DEZ ANOS DA LEI 10.639/03?                                     |            |
| Caio Pinheiro Oliveira   |            |
| Áurea Silva Oliveira   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8022101028</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 9.....</b>   | <b>88</b>  |
| A IMAGEM DO QUE É SER ALUNO: UM ESTUDO À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL  |            |
| Douglas Soares Freitas   |            |
| Gabriela Sanchez Benevides   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8022101029</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 10.....</b>  | <b>96</b>  |
| O PROCESSO DE IN/EXCLUSÃO ESCOLAR DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: A COMPREENSÃO DOS PROFESSORES E AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL |            |
| Claunice Maria Dorneles  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.80221010210</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 11.....</b>  | <b>104</b> |
| BEING PARENTS OF TEENAGE CHILDREN IN THE CITY. INTERCULTURAL MEDIATION AS “EDUCATIONAL STYLE” OF INCLUSION AND CITIZENSHIP                       |            |
| Margherita Cestaro   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.80221010211</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 12.....</b>  | <b>119</b> |
| EJA: DIREITOS SOCIAIS EM CONFLITOS COM AS “NOVAS” IDEOLOGIAS   |            |
| Maurenilce Lemes da Silva  |            |
| Heloisa Salles Gentil  |            |
| Cálita Fernanda de Paula Martins   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.80221010212</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 13.....</b>  | <b>125</b> |
| A GESTÃO DEMOCRÁTICA DENTRO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM CAMPO GRANDE – MS  |            |
| Maria Luiza Silva Toesca   |            |
| Juliana Cristina Ribeiro da Silva  |            |
| Juliana Roberta Paes Fujihara  |            |

Manoel Garcia de Oliveira  
Simone Cecon  
Patrícia Helena Mirandola Garcia  
**DOI 10.22533/at.ed.80221010213**

**CAPÍTULO 14..... 138**

PERSPECTIVAS DE ESTUDOS COMPARATIVOS DA FORMAÇÃO E CARREIRA DOCENTE: NECESSIDADES DE COOPERAÇÃO ENTRE AS POLÍTICAS NO ÂMBITO DO MERCOSUL

Magali de Fátima Evangelista Machado  
Célio da Cunha

**DOI 10.22533/at.ed.80221010214**

**CAPÍTULO 15..... 159**

APLICAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR E ACEITAÇÃO DOS DISCENTES – ESTUDO DE CASO

Ana Cristina Trindade Cursino  
Carla Cristina Bem  
Crizieli Silveira Ostrovski  
Carolina Castilho Garcia

**DOI 10.22533/at.ed.80221010215**

**CAPÍTULO 16..... 170**

USO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS COMO POLÍTICA PÚBLICA DE COMBATE À VULNERABILIDADE SOCIAL JUVENIL: EXPERIÊNCIAS DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE ENSINO MÉDIO DO CEARÁ

Daiana de Jesus Moreira  
Maria Socorro Braga Silva  
Antonio Cid Freitas Barros

**DOI 10.22533/at.ed.80221010216**

**CAPÍTULO 17..... 180**

AMBIENTAÇÃO EM PLATAFORMAS DE E-LEARNING. PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DA UCM-CED

Vilma Tomásia da Fonseca Francisco Manuel  
Heitor Simão Mafanela Simão

**DOI 10.22533/at.ed.80221010217**

**CAPÍTULO 18..... 195**

IMPLEMENTACIÓN DE UN DISPOSITIVO DIDÁCTICO RECORRIDO DE ESTUDIO E INVESTIGACIÓN EN ESTADÍSTICA PARA ESTUDIANTES DE INGENIERÍA EN CONSTRUCCIÓN

Carmen Cecilia Espinoza Melo

**DOI 10.22533/at.ed.80221010218**

**CAPÍTULO 19..... 204**

CICLOS DE APRENDIZAGEM NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL: A NECESSIDADE DE SE DISCUTIR A FORMAÇÃO CONTINUADA DE

**PROFESSORES**

Livia Gonçalves de Oliveira

Otília M.A. da Nóbrega Dantas

**DOI 10.22533/at.ed.80221010219**

**CAPÍTULO 20.....216**

**MEJORA DEL RENDIMIENTO ACADÉMICO MEDIANTE LA APLICACIÓN DE METODOLOGÍAS DE TRABAJO EN EQUIPO Y SISTEMAS DE RESPUESTA INMEDIATA EN LA UNIVERSIDAD CHINA**

Xiaochen Yang

Jia Fu

Francisco Rodríguez-Sedano

Miguel Ángel Conde-González

**DOI 10.22533/at.ed.80221010220**

**SOBRE O ORGANIZADOR.....229**

**ÍNDICE REMISSIVO.....230**



# CAPÍTULO 1

## CARTOGRAFIA DE UMA MILITÂNCIA MOLECULAR: A REVOADA SECUNDARISTA DE 2016

*Data de aceite: 01/02/2021*

*Data de submissão: 03/11/2020*

### **Fernando Hiromi Yonezawa**

Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Institucional da Universidade Federal do  
Espírito Santo  
Vitória – ES  
<http://lattes.cnpq.br/3287085280527292>

### **Lígia Caroline Pereira Pimenta**

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação  
em Psicologia Institucional da Universidade  
Federal do Espírito Santo  
Vitória – ES  
<http://lattes.cnpq.br/2625152550133534>

### **Marcia Roxana Cruces Cuevas**

Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Institucional da Universidade Federal do  
Espírito Santo  
Vitória – ES  
<http://lattes.cnpq.br/6390983627032475>

**RESUMO:** neste artigo objetivamos compartilhar a experiência de termos acompanhado as ocupações dos estudantes secundaristas à suas escolas, na região da Grande Vitória (ES), ocorridas no ano de 2016, como reação de resistência política à implementação da Proposta de Emenda à Constituição 55 (PEC-55). Estaremos norteados pelo método cartográfico de pesquisa-intervenção, para o qual a atividade investigativa consiste em traçar linhas e planos constituídos

tão somente a partir do encontro com o campo de pesquisa, incluindo-se aí a sensibilidade das pessoas e espaços acompanhados, e também dos próprios pesquisadores. Discutiremos sobre as transformações experienciadas junto dos estudantes secundaristas ocupantes, quando de nossa participação ativa no apoio aos seus movimentos através de aulões, oficinas e debates. Vimos se produzirem concretas mutações moleculares, que incluem os modos de agir, as formas de sentir, de conceber educação, de organizar-se coletivamente e de ocupar o espaço público, além de outras dimensões. Nosso ponto de conexão com as diversas escolas foi a presença como pesquisadores<sup>1</sup> em Psicologia Institucional dentro de uma escola municipal de educação de jovens e adultos, a qual, por também ter se envolvido com os movimentos das ocupações, nos possibilitou incursões por diversas das escolas ocupadas. Esta discussão levanta novas possibilidades de pensamento acerca das formas de luta política, já que pudemos acompanhar um movimento tecido paralelamente às grandes instâncias de militância – partidos, sindicatos, coletivos identitários – e composto por uma transversalização das ações e pontos de debate. Veremos que a resistência contra a PEC-55 fora apenas uma das questões debatidas pelo movimento secundarista, sendo que outras pautas surgidas na imanência do movimento - as formas de educação, o coletivismo, o machismo - puderam de fato ser trabalhadas e dinamizadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Militância; micropolítica; educação; cartografia.

<sup>1</sup> Pesquisa amparada pela CAPES

## MOLECULAR MILITANCE CARTOGRAPHY: 2016'S SECONDARY FLOCK

**ABSTRACT:** in this article we aim to share the experience of having accompanied the secondary students' occupations to their schools, in the region of Great Vitória (ES), in 2016, as a political resistance reaction to the implementation of the Constitution Amendment Proposition 55 (PEC-55). We will be guided by the cartographic method of research-intervention, for which the investigative activity consists in drawing lines and plans constituted only from the encounter with the research field, including the accompanied people's and spaces' sensitivity, and also that of the researchers. We will discuss the transformations experienced within the secondary students' occupations, in which we have actively participated supporting their movements through workshops, classes and debates. We have seen concrete molecular mutations, which include modes of acting, of ways of feeling, of conceiving education, of collectively organizing and of occupying public space, as well as other dimensions. Our point of connection with the different schools was the presence as Institutional Psychology researchers within a municipal school of youth and adult education, which, by also having involved with the occupations movement, enabled us to make inroads through several of the occupied schools. This discussion raises new possibilities of thinking about the forms of political struggle, since we could follow a movement woven parallel to the great instances of militancy - parties, labor unions, identity collectives - and composed by transversalization of the actions and debate issues. We will see that the resistance against the PEC-55 was only one of the points discussed by the secondary school movement, and that other issues risen from the movement immanence - forms of education, collectivism, chauvinism - could in fact be worked and invigorated.

**KEYWORDS:** Militance; micropolitics; education; cartography.

### 1 | INTRODUÇÃO: PESQUISA MILITANTE EM UMA ESCOLA DE EJA

Há quatro anos temos acompanhado o trabalho educacional de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA) da cidade de Vitória (ES), norteados pelo referencial teórico-metodológico da pesquisa-intervenção cartográfica. Assim, a partir da concepção de que a cartografia se dá no acompanhamento e constituição de trajetórias diversas pelo campo de pesquisa, temos nos feito presentes em diversos espaços desta escola, como as reuniões de formação docente e as salas de aula, além de estarmos em seus movimentos de militância em atos públicos.

Esta escola aposta na educação como trabalho de produção de liberdade, de luta e crítica de questões sociais e políticas. Dada esta aposta, à medida que os primeiros estabelecimentos escolares secundaristas passaram a ser ocupadas em 2016 em virtude do lançamento da Proposta de Emenda à Constituição 55 (PEC-55), a escola imediatamente mobilizou-se em apoio a este movimento. Estando inseridos no cotidiano dessa instituição e também encarando a educação como território de luta política, nos mobilizamos junto com ela para contribuir com as ocupações.

Cabe lembrarmos de que tratava esta PEC e de seu contexto. Em agosto de 2016, a então presidenta Dilma Rousseff sofrera processo de impeachment, o qual vem sendo

amplamente compreendido como golpe de Estado. Alguns meses depois, a Câmara dos Deputados iniciaria o processo de votação da então lançada PEC-241, intitulada como “PEC do Teto dos Gastos Públicos”. A proposta foi levada para apreciação no Senado Federal com a numeração 55. Seu mote, dentro do recém-empossado governo de Michel Temer, era controlar os gastos públicos, sob pretexto enfrentar a crise econômica. Os gastos públicos estariam sendo muito superiores à arrecadação de impostos advindos da sociedade. Assim, a PEC fixou limites para a expansão da despesa primária (aquilo que no orçamento do Estado é destinado às políticas públicas), para que ela se mantenha constante ao longo dos anos: para o ano presente, fixa-se o limite equivalente à despesa primária paga no ano anterior corrigida pela inflação. Antes da PEC, esta despesa era corrigida seguindo as evoluções do Produto Interno Bruto, o qual, numa economia emergente como a brasileira, tende a crescer. De qualquer forma, a PEC instituiria a inflação como índice de correção deste investimento e, sendo que esta precisa permanecer cada vez mais baixa, igualmente o montante dedicado a políticas públicas ficariam cada vez mais reduzidos. A PEC argumenta que “é preciso alterar esse sistema, justamente para evitar que nos momentos de forte expansão econômica seja obrigatório o aumento de gastos nessas áreas e, quando da reversão do ciclo econômico, os gastos tenham que desacelerar bruscamente” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016, p.4) Esta PEC foi chamada de “PEC da Maldade” ou “PEC do Fim do Mundo” por diversos movimentos de luta. Os movimentos de militância passaram a reagir contra esta PEC que tornaria ainda mais raquíticos os investimentos públicos em educação e saúde; a camada da população mais prejudicada seria aquela dependente da saúde e educação públicas.

Assim que esta PEC foi lançada, inúmeras escolas secundaristas começaram a ser ocupadas no estado do Paraná. Em poucos dias, o movimento se espalhou por todo o país e a primeira escola do Espírito Santo seria ocupada em Vitória. Este imenso movimento de luta juvenil ficou conhecido como “Primavera Secundarista” e teve mais de mil escolas ocupadas em todo o país; no Espírito Santo foram cerca de quarenta e cinco escolas.

Pois bem, nossa presença na escola EMEF-EJA possibilitou que estivéssemos conectados com as redes de militância tecidas entre estudantes e professores de escolas públicas. Imediatamente após a primeira ocupação os celulares começaram a pipocar informações e pedidos de apoio para os estudantes ocupantes. Arrastados por um fluxo de energia nunca antes sentido, iniciamos nossa participação no movimento colaborando com mantimentos e cozinhando alimentos para serem levados aos estudantes da primeira escola ocupada em Vitória.

## **2 | CARTOGRAFIA: MODO DE CAMINHAR E DE LUTAR**

Esta investigação se baseia na curta e intensa experiência de acompanhamento do movimento das ocupações estudantis das escolas da Grande Vitória. Quando falamos em

‘acompanhar’ já estamos explicitando de que concepção de pesquisa partimos: a pesquisa-intervenção cartográfica.

Ora, acompanhar é estar ao lado, numa posição de igualdade de nível, numa relação de similitude. Por outro lado, a companhia não se faz com a dissolução das diferenças, não se faz homogeneizando os componentes da relação. Além disso, acompanhar supõe que haja um movimento e/ou trajeto que estes componentes realizam; movimentos e componentes se entrelaçam, fabricam um ao outro e co-emergem, de tal forma que vão se transformando, modulando, se recriando conforme a trajetória se desenvolve num tempo. Por isso é que Barros e Kastrop (2010, p.53) dizem que “a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos”. Assim, na cartografia, a dimensão que se valora como fonte de novos conhecimentos é esta em que se captam as diferenças e transformações sutis. Desta feita, para Latour (2001, p.207), o corpo que move e o corpo movido formam um só ‘objeto’, um “ator híbrido”, tal como o cartógrafo e o campo acompanhado formam uma matéria quimérica só, caracterizada por sua incessante processualidade.

Este aspecto da cartografia nos encaminha para outro: na investigação cartográfica não haverá dualismo entre objetividade e subjetividade (afetividade). A esse respeito Deleuze (1997, p. 73) destaca que “o trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem”. Dado que a realidade é tomada como uma superfície povoada de forças que não aguardam a circunscrição de condições laboratoriais ou assepsizadas de afeto para agirem e produzirem efeito, na cartografia, a potência sentir e produzir sentido faz parte dos ‘dados’ cruciais de pesquisa.

Ora, se o cartógrafo se afeta pelas transformações daquilo que acompanha, então, ele só pode pesquisar na medida em que também assume deliberadamente seu poder de transformação da realidade. Uma pesquisa não deve se voltar só para a atividade acadêmica, mas também “para promover práticas reais que se amparem uma ciência a fim de ampliar as possibilidades de vida” (PAULON; ROMAGNOLI, 2010, p.89). A cartografia é, pois, pesquisa-intervenção e compreende que o pesquisador está imerso em questões sociais e políticas críticas, das quais não tem como sair incólume. Na cartografia é preciso questionar-se sobre “a posição que o pesquisador ocupa nos jogos de poder” (PAULON; ROMAGNOLI, 2010, p.96). Desta maneira, para o cartógrafo, intervir na realidade é parte essencial do processo de conhecê-la. Dizem Passos e Barros (2010, p.30) que “conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas”.

### **3 | ALGUNS FRAGMENTOS DE TEMPO-VIDA DA VIAGEM PELAS OCUPAÇÕES JUVENIS**

Diante da ameaça da aprovação da proposta da PEC-55, tiveram início, em 21

de outubro de 2016, no estado do Espírito Santo, as tomadas dos espaços públicos escolares pelos estudantes secundaristas. A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Almirante Barroso, em Vitória, foi a primeira a ser ocupada e provocou um efeito cascata, com outros estabelecimentos aderindo ao movimento nos dias subsequentes. Ao final da primeira semana somavam-se mais de dez escolas ocupadas por estudantes. Em menos de duas horas do início da ocupação, dezenas de pessoas estavam frente à escola Almirante Barroso disponíveis para colaborar com o movimento de ocupação; dentre elas, encontravam-se professores da escola na qual atuamos como pesquisadores. Começamos a nos mobilizar para levarmos mantimentos para esta primeira ocupação. Circulava entre todos nós uma intensa sensação, sentíamos uma alegre agitação, tinha-se orgulho de ver pessoas tão jovens paralisarem uma maquinaria institucional rígida como são as escolas para lutar politicamente. Sentíamos que algo completamente novo estava se passando. Era uma insurgência que operaria rupturas em diversos níveis: no nível educacional, quando percebemos professores serem inspirados por estudantes e sentíamos que eram eles estavam começando a aprender com os estudantes; no nível histórico, posto que, no Brasil, talvez fosse o primeiro momento em que estudantes tão jovens se punham em tão maciça e intensa mobilização; no nível da possibilidade de controle violador do Estado, pois a menoridade dos estudantes legalmente impedia qualquer incriminação por parte do governo e de seu corpo policial; no nível das segmentações institucionais urbanas e do seu uso estratégico para a luta política, dado que a escola seguia sendo um espaço público, mas se fazia protegido da nudez potencialmente anômica das ruas; e enquanto aparelho hegemonicamente burocratizado e cristalizado em seu funcionamento, a escola, naquele momento, se transformava em território de embate, de rompimento, de vigor e vivacidade. Naquele instante, o grande fluxo hegemônico da História estava sendo injetado de histórias (menores) e de estórias (fantásticas), uma enxertia promíscua e monstruosa se impunha: ao visitarmos as ocupações, imediatamente notávamos que se tratava de um movimento múltiplo, pois havia a tradicional juventude partidária, mas havia também inúmeros outros coletivos não institucionalizados de luta, tais como o movimento negro, o movimento das mulheres, os coletivos LGBT, além de incontáveis estudantes que, mesmo não estando dentro de um destes círculos identificáveis, contagiavam-se com o afeto de luta e insurreição.

Ao visitarmos a primeira escola ocupada em seu terceiro dia de mobilização, sentíamo-nos surpresos. Parte dos estudantes estava cuidando de estocar os alimentos numa sala específica, outro pequeno grupo cantava numa roda de violão, enquanto uma das estudantes controlava a entrada e saída dos visitantes, anotando nomes, número do documento de identidade e a hora em que entravam. Havia espalhado pequenos avisos pela escola toda, para que não se fumasse nos espaços, não se deixassem lixo ou objetos pessoais como toalhas e roupas espalhados. Entusiasmados, quisemos tirar algumas fotos, mas fomos advertidos para que não divulgássemos as imagens pelas redes sociais.

Contavam-nos também que os avisos de higiene e a proibição de fumar, levar bebidas alcoólicas e namorar dentro da escola haviam sido deliberados pelo próprio coletivo organizado ali dentro, como forma de estratégia para que o movimento não desse nenhum pretexto para ser difamado pelas forças conservadoras que se opunham à ocupação. Apesar destes cuidados, havia uma leve e primaveril sensação de frescor, o ambiente não parecia carregado de controle rígido, a luz do sol que entrava pelo pátio parecia realmente mais platinada e melíflua.

Nos dias seguintes outras escolas foram ocupadas e, em 26 de outubro, a equipe da escola de EJA em que pesquisamos já estava organizada e distribuída pelas escolas na Serra, Vila Velha, Cariacica e Vitória para oferecer apoio aos estudantes. Neste dia, por volta das 8h da manhã, chegamos à escola Romulo Castello (município de Serra) e, após passarmos por uma abordagem da polícia militar - que catalogava os nomes dos apoiadores, tentando nos intimidar - fomos autorizados pelos estudantes a entrarmos na escola. Lá dentro encontramos, além dos professores daquela escola, os professores de 'nossa' escola, que ajudaram a organizar uma assembleia dos estudantes para que deliberassem o curso da ocupação. Os estudantes pediram que nos apresentássemos dando uma introdução sobre a PEC 55, seus reflexos para a educação e, conseqüentemente, para suas vidas.

Passamos a manhã conversando com os jovens sobre a importância de suas ocupações e a carga política que carregavam. Fomos convidados a regressar com outras aulas e, no momento em que saímos da escola, soubemos que aquele grupo de estudantes já havia deliberado as ações de comunicação, limpeza, alimentação, segurança e aulas para o segundo dia de ocupação: um movimento vivo de autogestão. Aqui segue a fala de um dos professores da escola em que pesquisamos, que diz de suas surpresas e aprendizagens:

Na segunda-feira, na marcha do IFES, no momento em que a gente passa pela Avenida Vitória os meninos do Estadual [nome pelo qual é conhecida uma escolas da cidade] se juntam. E aí Cariacica para! Vem uma, duas, três, quatro... Cariacica toda parada, a revolução estava lá! Lá em Cariacica! E num processo de gestão que a gente precisa incorporar para Vitória. Muito mais rápido no processo de autonomia para organizar alimentação e outras coisas. Nas escutas, o mais fantástico era a perspectiva pedagógica que os meninos disseram para a gente, sabe? Os meninos diziam assim 'Poxa, eu aprendi a cozinhar como ato político'. Uma menina falou 'Eu criticava meu coordenador, mas quando eu vi que tinha que fazer coordenação com os meus colegas... ufa!'. Pena que o coordenador não estava lá para ouvir porque era uma outra lógica!

De fato, havia outra lógica de funcionamento no movimento estudantil. As ocupações mal iniciavam e, com muita agilidade, havia comissões de limpeza, de atividades, de cozinha e de portaria, a qual se cuidava de ser composta por pelo menos um menino grande, como forma de proteção. Muito rapidamente se constituía uma agenda de atividades, que

era colocada em cartazes espalhados pela escola e divulgados em redes sociais. Havia aulões de História, de Filosofia, de Yoga, Dança, Música etc. O que diferia no movimento que víamos era, além da agilidade, também a firme autogestão com que se organizavam, a presença de muitas lideranças femininas e, principalmente, a doçura, gentileza e polidez com que éramos recebidos. Ao chegarmos, nos recebiam com sorrisos e ‘bom dia!’ receptivos; imediatamente alguém vinha nos acompanhar pela escola, apresentar os espaços, ofereciam-nos suco e lanche, para só então conversarmos sobre como estava o movimento e como poderíamos contribuir.

Vejamos, então, como os próprios estudantes sentiam seu movimento. Quanto às questões educacionais especificamente escolares, foram mais de uma fala que ouvimos como a que se segue:

Foram vários aulões para o ENEM e eles [os estudantes] tiveram um entendimento maior [dos conteúdos] do que no cursinho que eles iam estar fazendo... no cursinho que ia estar passando matéria didática deles, que estavam tendo na escola, o que a gente teve na nossa ocupação foi algo além. E o mais legal disso é que os professores se disponibilizaram para estar com a gente. Eles não estavam recebendo nada...

A fala desta estudante mostra novamente uma ruptura de uma tendência educacional, por diversas razões. Aulões eram aulas abertas, realizadas nos pátios e quadras da escola, com estudantes e professores sentados em roda no chão, ou seja, já em sua organização saíam completamente do contexto esquadrinhado, hierarquizado e individualizante da sala de aula. Além disso, estas aulas eram organizadas pelo próprio movimento e eram abertas a todos os interessados, mesmo que não estivessem participando do movimento. Portanto, a aula implicava necessariamente o desejo e o interesse de seus participantes, não se tratava de algo compulsório: o desejo também passava a ser importante vetor educacional; aqueles que não estavam interessados no aulão não precisavam estar, poderiam fazer outra coisa, como ouvir música, ou trabalhar em alguma comissão. Certamente, a assunção do desejo como ponto de partida para o estudo foi o que produziu o efeito de maior aprendizagem referido pela estudante. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que este desejo não é espontâneo e nem individual, mas matéria produzida nos agenciamentos coletivos que ali se teciam, na desterritorialização do aparato escolar clássico, no desfazimento da disciplinaridade e na constituição ativa de uma organização coletiva que vibrava multidimensionalmente, de uma vez só, educacional, política, desejante, estética, histórica. O desejo entrava ali como força implicada e implicante de uma revolução, afinal, como destaca Deleuze (1998, p.112) ao relacionar desejo e política: “o desejo não está reservado para privilegiados; tampouco está reservado ao êxito de uma revolução uma vez feita. Ele é, em si mesmo, processo revolucionário imanente. *Ele é construtivista, de modo algum espontaneísta.*”

Os aulões e oficinas foram o principal meio pelo qual pudemos lutar ao lado dos



estudantes e era essa também a sua principal demanda: poder ocupar a ocupação com atividades enriquecedoras, não apenas com temas ligados à PEC. No Espírito Santo tivemos ainda a surpreendente particularidade de termos uma escola de nível fundamental ocupada. Estudantes muito jovens, de no máximo 13 ou 14 anos, se mobilizaram para ocupar a escola Tancredo de Almeida Neves e puderam contar com o apoio de um diretor sensível à importância do momento. Conhecemos estes meninos do ensino fundamental numa das vigílias realizadas pelo movimento e dispusemo-nos a ir dar duas aulas, uma de Filosofia e outra de Teatro.

O desafio se colocava: falar com os pequenos lutadores sobre Hannah Arendt e sua diferenciação do espaço público e do espaço privado. Para nós, pós-graduandos, era um grande esforço poder mudar nossa linguagem e modo de abordar o tema para conseguirmos tornar acessível esta discussão para aqueles estudantes. Seus olhos ouviam atentos, intrigados. No decorrer da aula, buscávamos sempre estabelecer diálogo e troca. Com isso, uma fala de um menino que tinha toda a feição de bagunceiro e distraído nos tomou de alegre surpresa: “Eu percebi que a gente vive aqui [na escola] num grande espaço privado, né! E que meu pai e uns professores são ditadores.” Percebíamos, aos poucos, que não importava tanto o ganho macropolítico daquela mobilização toda, porque havia inúmeras descobertas e aprendizados políticos e educacionais sendo operados de modo intensivo, ou seja, implicando seus desejos, sua vontade de descobrir, de se envolver. Quanto a isso, vale destacar uma fala de uma estudante de uma das ocupações:

...muitas são as dificuldades, porque são pessoas, são alunos como nós que não se reconhecem como alunos para lutar por uma coisa que é o bem maior. A gente está aqui, a gente está lutando pelo bem de todos. Aqui tem essa fala ‘a luta não é minha, a luta é nossa’. Não estou lutando por uma coisa que é minha, isso é individualismo, estou lutando por uma coisa que é do coletivo, é nossa a luta.

Ora, se lembramos de Hannah Arendt (2008, p.40) e sua concepção de que o espaço público é o espaço político por excelência e de que é somente na pluralidade entre os homens que se constitui uma humanidade cujo desenvolvimento se dá na coragem e liberdade de agir dentro do respeito e instabilidade desta pluralidade, então, poderíamos dizer que este movimento estudantil foi de fato político, muito menos por lutar contra uma medida estatal, do que por iniciar este movimento corajoso de imprimir a lógica coletiva e pluralista do espaço público em suas escolas, as quais vinham sendo públicas apenas nominalmente, tal como revelou a surpresa do jovem estudante. As ocupações tornaram públicas as escolas, desta vez, factual e afetivamente e não apenas legalmente; acrescentaríamos, ainda, que este movimento estudantil tornou políticas as vidas dos estudantes, na medida em que sua presença passou a ser ação e sua condição de espécie humana biológica passou a ser constituição de uma humanidade produzida do contato de uns com os outros para debater o bem comum. A descoberta desta dimensão coletiva de uma ação é certamente uma das



maiores conquistas das ocupações, como mostrou a fala da estudante acima; descobriu-se um coletivo cuja mirada se lança para um bem igualmente coletivo e, neste sentido, subverte a lógica escolar disciplinar, a qual se empenha em fundar nos corpos, a partir de meticuloso esquadramento espacial, temporal, valorativo e analítico, a subjetividade individual e celular.

A quebra no cotidiano escolar a partir da mobilização política parece também ter tido outro efeito revolucionário, que esta fala de um estudante explicita.

No primeiro dia... foi tenso, porque a gente não sabia o que fazer. O apoio da comunidade, das pessoas foi surpreendente... foi muito bom também porque alunos que eu nem imaginava, que a gente só via pelo corredor, eles começaram "e aí, o que eu posso fazer, o que é que tem para fazer? Eu quero tá participando, eu quero lutar junto com vocês.

Em outras ocupações também ouvimos ser positivado o fato de que novos encontros foram possíveis a partir da movimentação política. A comunidade em torno das escolas também se sensibilizara e, não raras foram as vezes em que, ao irmos visitar as ocupações, diziam não precisar mais de mantimentos porque muitas pessoas tinham ajudado bastante. Ora, os estudantes dizem que muitos só se conheciam de vista enquanto estavam assentados sobre a segmentaridade e temporalidade escolar, ou seja, ocupavam o mesmo tempo e espaço por força de uma institucionalização, mas sem desenvolver qualquer relação viva. Com as ocupações, as relações se preencheram de vida, de desejo de encontro e cooperação, puderam ser feitas relações ativas, baseadas na tessitura de um afeto comunitário singularizante e não mais na condição de estamento institucional preenchido passivamente apenas pela condição de alunado. Esta outra fala de outro estudante fortalece ainda mais este fato:

Alguns disseram... alguns alunos que não davam nada para a gente, alguns alunos de mente fechada, que eu não imaginava, mas que era da galerinha da bagunça, que eu não imaginava que ia lá estar dormindo [na ocupação], que ia estar lutando junto com a gente.

Parece ser inegável o fato de que o movimento estudantil, para alguns estudantes, foi produtor de um novo sentido para habitar a escola. Não mais pertencer ao clichê escolar de gueto da bagunça, mas ancorar num sentido afirmativo o desejo de encontro, não mais ocupar o lugar de perturbadores institucionais, mas, agora, de conectores coletivos do movimento. Ao mesmo tempo em que cada ocupação formava sua espécie de tribo local, com características próprias, elas se faziam ligadas com as demais por fios compartilhados, na cidade, no estado, no país todo. Algumas ocupavam o tempo escrevendo e cantando letras de *RAP* para serem divulgadas como discurso engajado nas redes sociais, outras se preocupavam mais em estabelecer uma organização interna não-machista, outras ainda buscavam focar-se na diversidade de tipos de aulões. Numa das ocupações, uma estudante do movimento feminista, em uma das assembleias dizia: "Não quero ver só meninas

cuidando da cozinha e da limpeza e também não quero ver só meninos na comissão de segurança e na portaria.” Tratava-se de um movimento multiplicatório, com diversas lutas transversais sendo encampadas e com dinamismos distintos em cada escola ocupada.

Ainda sobre a multiplicidade de revoluções insuspeitas produzidas pelas ocupações, destacamos as oportunidades que nos foram dadas de ir oferecer oficinas de teatro e artes corporais. Desta vivência, o que mais nos chamou a atenção foi o estranhamento que a maioria dos estudantes sentira ao se depararem com a possibilidade de fazerem exercícios respiratórios, de expressão corporal, de experimentação de toques entre si, de exploração da multiplicidade de emoções e movimentos de que os corpos são capazes. Muitos se entregavam de todo o coração, mas notavelmente era uma entrega completamente catártica, explosiva, que confundia a liberdade de expressão e a possibilidade de experimentação com descarregar energia sem cuidado e sem atenção. Não estamos aqui criticando aos estudantes, mas ao próprio modo como a educação é concebida e imposta aos corpos. Esta explosividade descuidada, embora alegre, é muito mais signo do quanto a educação formal regular da escola é pauperizada e limitadora de experiências, especialmente no que tange às experiências corporais e afetivas. Vimos a reação dos estudantes como sintoma de uma educação empobrecedora dos modos de expressão e relação entre os corpos. Apesar disso, víamos naquilo tudo mais um momento revolucionário das ocupações: sua mobilização estava possibilitando que tivessem contato com experiências artísticas enriquecedoras, as quais, em realidade, deveriam fazer parte de seu currículo regular. Ademais, as oficinas também funcionavam como espaço para que os estudantes pudessem olhar uns para os outros, cuidarem e serem cuidados uns pelos outros.

#### **4 | MILITÂNCIA MOLECULAR: LUTAR COM (POR) NOVOS MODOS DE LUTAR**

Apesar da enorme extensão e intensidade que ganhou o movimento da “Primavera Secundarista”, a PEC-55 fora aprovada tanto na Câmara dos Deputados, quanto no Senado Federal. Contudo, como afirmam Deleuze e Guattari (1992, p.229), a força de uma revolução se mede de modo imantente e não por sua vitória ou fracasso em relação à meta que tinha. “Mas o sucesso de uma revolução só reside nela mesma, precisamente nas vibrações, nos enlances, nas aberturas que deu aos homens no momento em que se fazia, e que compõem em si um monumento sempre em devir...” As ocupações estudantis foram formalmente derrotadas no que se refere à barragem da PEC-55; entretanto, tudo o que vimos foi a imensa multiplicidade de revoluções acontecendo no tecido imanente das ocupações, revoluções de ordem afetiva, de conceito educacional, de formas de aprendizagem, de formas de organização coletiva, de formas de encontro e ocupação de um espaço, revoluções corporais, etc. Por isso, acrescentam ainda Deleuze e Guattari (1992, p.31):

A título de conceito e como acontecimento, a revolução é auto-referencial ou goza de uma auto-posição que se deixa apreender num entusiasmo imanente, sem que nada, nos estados de coisas ou no vivido, possa atenuá-la, sequer as decepções da razão. A revolução é desterritorialização absoluta no ponto mesmo em que esta faz apelo à nova terra, ao novo povo.

De fato, havia uma nova terra e um novo povo sendo tecidos e estes eram irredutíveis à forma da vitória esperada. O novo povo era precisamente a coletiva jovialidade de que se faziam capazes dos estudantes (e não os estudantes, já que havia, entre eles, também os conservadores), que pode advir em qualquer idade e em qualquer agrupamento, assim como a nova terra era aquela mesma que já se produzia no seio do próprio movimento, no presente, e não num futuro utópico.

O movimento das ocupações de 2016 conseguiu produzir um novo **modo** de lutar, o qual não reproduzia os afetos clichês dos movimentos políticos: indócil doçura e alegria com que se organizavam e lutavam. Portanto, fazia-se revolução permanente e imanente nos **modos** de viver e lutar, uma micropolítica. Neste sentido é que víamos se tecer nas ocupações uma **militância molecular**, isto é, uma revolução que operava sobre os **modos** de relação institucionalizados e dominantes, de forma a transformá-los, especialmente a partir da potência da alegria, da vivacidade, da descoberta, da criação organizada, da inclusão da arte e da diversidade. Não se lutava apenas contra PEC e nem se atacava formas macroscópicas, mas se atuava nos **modos**, isto é, na solda invisível que concretamente constitui e produz as relações e precisam ser desimpregnadas de uma série de atravessamentos fascizantes, engessadores, docilizantes: homofobia, divisão social do trabalho, machismo, ressentimento, prática educacional burocratizada, esfriamento das relações sociais etc. Ora, diz Guattari (1988, p.162), “o metabolismo do possível não depende somente de uma ‘matéria lógica’. Ele põe em jogo matérias de expressão diferenciadas em função de seu grau de desterritorialização”; com efeito, nas ocupações houve elevado grau de desterritorialização, em diversos níveis de sentido, desde os níveis privado-afetivos, até os pedagógicos, políticos, urbanos, etc.

Ainda sobre a característica de um movimento que se dá no nível molecular dos modos constituintes, Guattari (1988, p.45) ressalta que as transformações moleculares constituem núcleos irredutíveis de possibilidades de produção de realidade, os quais se distinguem e tensionam as abstrações capitalistas e estatais. Este excesso de sentidos que transbordam as significações históricas é chamado de “consistência dos campos moleculares” e o autor destaca que são possuidores de aglomerações de força que “mantem de reserva um ‘possível potencial’”. O trabalho destas consistências é justamente operar “em favor da extração de componentes de passagem, do lançamento de novas máquinas de signos-partículas em detrimento dos campos semióticos e das abstrações capitalistas.” (GUATTARI, 1988, p.46). Tais movimentos, para se manterem potentes e próximos da sua força constituinte, precisam, segundo o autor, operar “uma química da

síntese de novas realidades, de novas matérias, de novas intensidades” (GUATTARI, 1988, p.291), que estarão tão mais em vias de se efetuarem quanto mais molhadas por franjas de desterritorialização forem.

Em outra obra, Guattari (1985, p.177) afirma que a ideia de lutas moleculares ou micropolíticas, implica necessariamente no “questionamento radical dos movimentos de massa decididos centralizadamente e que fazem funcionar indivíduos centralizados”, ou seja, seja do lado da classe dirigente, seja do lado da militância tradicional, a serialização e homogeneização vertical está sempre operando e são estas forças centrípetas que é preciso combater. Ora, se dizemos que os secundaristas de fato realizaram uma militância molecular foi porque seu movimento se multiplicou por micropolítica, por contágio transversal – nem vertical hierarquizante, nem horizontal massificante -, por propagação de um afeto desterritorializado o qual, a partir da vivência nas ocupações, podemos dizer ter sido claramente em favor da expressão de singularidades e de novas relações, tendo tido a PEC, arriscaríamos dizer, apenas como pretexto para produção de um inédito agenciamento afirmativo.

Por esta força de afetar, de ocupar de modo artístico um espaço e de mobilizar desconhecidos, comunidade e professores de outras escolas é que dizemos também que as ocupações secundaristas se constituíram como máquinas de guerra. Segundo Deleuze e Guattari (1997, p.52), as máquinas de guerra são composições agenciadas de ocupação expressiva de um espaço não estriado, isto é, não esquadrinhado, não institucionalizado. Ocupar um espaço liso, povoá-lo de expressões singulares, é esta a atividade de uma máquina de guerra, é o que vimos as ocupações realizarem. Instalavam-se primeiro nos pátios, e quadras, então retiravam as carteiras das salas de aula e as transformavam em mais espaços lisos; sua atividade principal era fazerem funcionar máquinas expressivas: rodas de música, oficinas de arte inusitadas, aulões com conteúdos novos, fabricação de vídeos e letras de *RAP*. Ora, Deleuze e Guattari (1997, p.72) bem dizem que os afetos de uma máquina de guerra são suas armas, as quais se desenvolvem como projéteis que traçam um vetor de velocidade. Efetivamente, os estudantes conquistavam espaços não a partir de um enfrentamento armado, mas propagando-se por todo o território nacional, a partir de um fluxo desterritorializado de sensações e emoções que não pertenciam aos sujeitos ocupantes e sim a tudo e todos aqueles que eram arrastados pela força de parar uma máquina disciplinar e alisá-la com a varredura intensiva de expressões intensas e singulares.

Além disso, as atividades experimentadas nas ocupações tinham justamente o caráter de ação livre, desvinculada da lógica força-trabalho. “Na ação livre, o que conta é a maneira pela qual os elementos do corpo escapam à gravitação a fim de ocupar de modo absoluto um espaço não pontuado.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.76) O modelo do trabalho, em que se baseiam os movimentos políticos clássicos, necessita de tornar úteis e forçosas as conquistas, elas precisam ser uma modulação do aparelho produtivo,

já vinculado a uma máquina econômica. Já o modelo da ação livre-ocupação expressiva, que vimos conduzir a revoada estudantil tinha por questão preencher potenciais e graus de afeto capazes de ampliar a realidade pela qual os corpos podiam se sensibilizar. Assim, um fluxo de afeto desterritorializado propagado por movimentos de ação livre é que perfazia a maneira pela qual as ocupações secundaristas se distribuíam pelo espaço: movimento da máquina de guerra, que “se reterritorializa na própria desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.53).

Neste sentido é que poderíamos ainda atribuir mais uma característica fundamental das máquinas de guerra à luta secundarista: é que ela não visava prioritariamente o combate, a guerra e o conflito com o Estado. Embora colegas defensores dos Direitos Humanos se preocupassem com a possível agressão da polícia, o que mais afligia os estudantes era a coerção vinda dos demais colegas e dos diretores, ou seja, somente secundariamente a falange estatal militar os incomodava. Deleuze e Guattari (1997, p.109) deixam muito claro que o objeto principal de uma máquina de guerra não é a guerra de confronto, “mas o traçado de uma linha de fuga criadora.” Destacam os autores, “a máquina de guerra tem por inimigo o Estado”; porém, ao mesmo tempo, “a guerra não é nem a condição nem o objeto da máquina de guerra, mas a acompanha ou a completa necessariamente (...) dir-se-ia que a guerra é o ‘suplemento’ da máquina de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.102). Efetivamente, as ocupações se faziam primeiro expressivas e, de certo modo, a luta contra a PEC aparecia apenas como pretexto inicial para legitimar uma luta muito mais rica e profunda, que era recriar o espaço educacional, reinventar a relação com a comunidade em torno, com os colegas baderneiros e desinteressados, com a militância política, com a história. Diríamos que durante as ocupações os estudantes não estudaram História, mas **fabricaram** história(s). Desta maneira é que as ocupações, apenas secundariamente, se chocavam com o a iniciativa estatal.

Contudo, talvez exatamente pelo fato da guerra lhes interessar tão pouco, se poderia dizer que foram derrotados macropoliticamente: a PEC fora aprovada à revelia das ocupações. Mas, a verdade é que, por outro lado, as ocupações faziam política à revelia do Estado, fabricavam mais realidade e campos novos de valor a despeito da maldosa PEC. Daí podermos dizer que havia ali muitas linhas de fuga nos distintos movimentos vividos: por exemplo, quando ouvimos falas dos estudantes já nas últimas reuniões antes de desocuparem as escolas, coagidos por pesadas ordens judiciais.

...e eu falando agora eu me sinto ainda ocupado, porque foi algo que eu me orgulho. Eu me sinto ocupado porque ainda estou sentindo orgulho de mim mesmo, eu estou sentindo orgulho por todos alunos, porque é algo que vai mudar a história, é algo que é impactante.

Quando soubemos que os estudantes da escola mais próxima de nossa casa iriam desocupá-la fomos acompanhá-los em sua saída. Um pequeno grupo, entre pais, militantes e pessoas da comunidade os aguardava na portaria com cartazes com mensagens

enaltecedoras. Estávamos tristes por ainda carregarmos a ideia de derrota. No entanto, quando os portões se abriram, todos saíram sorridentes, de mãos dadas, emocionados, alguns chorando, outros saltitando e cantando. Novamente éramos surpreendidos, aprendíamos de novo! Estavam orgulhosos de fato, estavam emocionados, os peitos expandidos, bocas sorridentes e olhos marejados. Portavam orgulho, afinal! Ora, se em momentos específicos de suas obras tanto Foucault (2010, p.64) como Arendt (2008, p.45) dizem ser a coragem a virtude política por excelência, o que dizer então do orgulho? Aquele momento de saída dos estudantes nos ensinara que o orgulho é também um afeto fundamental do fazer político, o orgulho é propriamente o sentimento anti-niilista, anti-derrotista, o qual impede que o mundo sucumba em ausência de sentido, numa condição doentia de falta de força e valor próprio.

Portanto, não se pode chamar de secundárias ou indiretas as conquistas imanentes das ocupações, pois elas eram, imediata e diretamente, construídas no seio do próprio movimento. As novas aprendizagens eram intrínsecas ao movimento e, justamente por isso, devem ser tomados como as conquistas mais originais, tornadas reais a partir de um devir-insurgente, que desfaleceu a vitória imaginada, assim como esgarçou a trama do controle estatal.

Compreendemos, pois, que a derrota fora apenas formal e, se uma intensidade como a das ocupações não mais se experimentou, foi menos por causa de um aparelho estatal pisoteador, do que por uma pobreza insistente das nossas relações cotidianas atuais. As ocupações denunciaram de modo alegre esta pobreza. Há mais miséria na molecularidade das relações que vivemos cotidianamente do que pode imaginar o mais cruel ou indiferente Estado.

## **5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS: RESISTIR IRRESISTIVELMENTE**

A experiência de termos acompanhado as ocupações nos mostrou que é possível produzir uma nova estética de luta e dar novas expressões para nossos afetos insurgentes. Enfim, com as ocupações passamos a nos questionar sobre a natureza dos afetos circulantes no que concebemos como movimentos de resistência política.

Efetivamente, sentimos que atualmente vivemos muito menos uma crise econômica do que uma crise das formas de resistência. Presenciamos uma moralista e infantil dicotomização de questões ético-políticas. Algumas feministas dizem “homem bom é homem morto”, não muito diferentemente da burguesia que diz “bandido bom é bandido morto”: combatem os homens e não o machismo. Partes dos movimentos negros dividem o mundo entre brancos e não-brancos, baseados na mesma lógica que dividiu o mundo em brancos e negros: combatem uma etnia e não ao racismo. Ao mesmo tempo, vemos pessoas da classe pobre defenderem justamente os valores e modos de vida que mantém sua condição miserável e marginal. Desejos se contra-efetuem, num deletério movimento

em detrimento de si próprio, a militância clássica caduca.

Porém, ao resgatarmos a força da revoada secundarista, torna-se nítida a ideia de que uma luta efetivamente transformadora precisa portar a inocência e a ousadia de meter-se no tecido molecular das relações sociais. Não basta mudarmos grandes direitos e diretrizes de políticas públicas: os secundaristas mostraram que a miséria que vivemos em diversos níveis cotidianos só pode se transformar quando uma luta assumir a multiplicidade da vida como seu mote, quando a riqueza de experiências de diversas ordens puder comparecer como pauta principal. As ocupações nos revelaram que a liberdade só pode se expressar na forma de forças outras: doçura, intensidade, alegria, vivacidade, orgulho.

Com efeito, se houve uma “primavera secundarista”, foi porque ela se fez insuspeita e ingovernável revoada de andorinhas, guarás, libélulas, borboletas, e... de dragões, isto é, de forças e formas de um mundo fantástico que ousou ser real diante de nossos cansados olhos sabichões. As ocupações ensinaram através de seu novo modo de aprender e apreender o próprio cotidiano.

De militar, enfim, não sabemos mais nada, antes precisamos aprender que voar não é um sonho infantil, é uma necessidade da juventude que pode ainda nos habitar. Alguns não serão os mesmos e não viverão como nossos pais

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.) **Pistas do Método da Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Proposta De Emenda À Constituição N° 241-A, de 2016**. Brasília, Out. 2016. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1495741&filename=Tramitacao-PEC+241/2016](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1495741&filename=Tramitacao-PEC+241/2016)>. Acesso em: 23 mar. 2018.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs V.5** São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, M. **O Governo de Si e dos Outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Inconsciente Maquínico**. Campinas: Papius, 1988.

LATOUR, B. **A Esperança de Pandora**. Bauru: EDUSC, 2001.

PASSOS, E.; BARROS, R.B. A cartografia como métodos de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.) **Pistas do Método da Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PAULON, S.; ROMAGNOLI, R. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.85-102, 2010.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aluno 69, 74, 81, 86, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 149, 168, 169, 209, 210, 211, 212

Ambientação online 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 189, 192

Ambiente virtual de aprendizagem 180, 181, 192, 193

Análise documental 125, 130, 135, 143

Aprendizagem ativa 159, 161, 163

Aprendizagem baseada em problemas 56, 159, 160, 162, 163, 165, 168

Assistência estudantil 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38

Autonomia 6, 17, 25, 37, 53, 54, 82, 83, 84, 103, 124, 127, 129, 136, 147, 157, 159, 166, 167, 181, 183, 186, 191

### C

Cartografia 1, 2, 3, 4, 15, 16

China 216, 217, 218, 219, 225, 227, 228

Cidadania 26, 65, 71, 75, 77, 78, 80, 81, 85, 86, 96, 98, 102, 104, 120, 121, 128, 155, 174

Competências socioemocionais 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178

Conhecimento 17, 20, 21, 25, 54, 56, 57, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 74, 86, 90, 93, 95, 97, 101, 121, 139, 140, 144, 146, 159, 160, 163, 168, 173, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 191, 192, 212

Currículo em ciclos de aprendizagem 204

### D

Dados vinculados 39

Deficiência visual 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

Desigualdade social 28, 29, 30, 37, 179

### E

Educação 1, 2, 3, 6, 10, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 52, 53, 56, 57, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 193, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 229

Educação profissional 28, 29, 30, 32, 34, 37, 38

Educação superior 29, 32, 138, 139, 141, 146, 156, 158  
EJA 2, 3, 6, 100, 119, 120, 121, 122, 123, 124  
Emancipação social 96, 97, 98, 101, 103  
Ensino domiciliar 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26  
Ensino superior 21, 22, 31, 32, 51, 52, 53, 56, 70, 71, 92, 123, 138, 139, 158, 159, 162, 168, 193, 229  
Escola de educação infantil 125, 128, 131  
Escravidão 68, 70, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87  
Espírito Santo 1, 3, 5, 8, 17, 20, 21  
Estratégias de aprendizagem 195, 199, 200, 202

## **F**

Formação continuada de professores 204  
Formação docente 2, 65, 69, 73, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 151, 157, 215  
Formación de ingenieros 195

## **G**

Gestão democrática 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 169

## **H**

Herramientas web 216  
História da arte 39  
Homeschooling 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

## **I**

In/exclusão 96, 97, 98, 102

## **J**

Juventude 5, 15, 170, 172, 173, 177

## **L**

Livro didático 70, 77, 79, 80

## **M**

Metáfora 88, 89, 92, 93, 94, 95  
Metodologias ativas 51, 53, 54, 56, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 168  
Micropolítica 1, 11, 12  
Militância 1, 2, 3, 10, 11, 12, 13, 15  
Museus 24, 39

## **N**

Neoliberalismo 119

## **P**

Pedagogia 23, 24, 57, 72, 88, 89, 91, 92, 103, 117, 118, 123, 124, 136, 157

Percepção estudantil 159

Plataforma Moodle 181, 182

Política educacional 119, 122, 124, 206

Práticas coletivas 51, 53

Preconceito 65, 68, 73, 74

## **R**

Recorrido de estudio e investigación 195, 198, 203

Relações étnico-raciais 65, 69, 70, 75

Representação 4, 83

Rural 30, 33, 57, 58, 59, 60, 61, 64

## **S**

Sala de aula invertida 159, 160, 163, 165, 166, 167, 168

Sistemas de respuesta inmediata 216, 222, 226

## **T**

Teoría antropológica de lo didáctico 195

Teoria histórico-cultural 88, 89, 92, 93, 94

Tipos de aprendizaje 195, 200

Trabajo en equipo 216, 219, 221, 222, 226

Transição escolar 204

## **V**

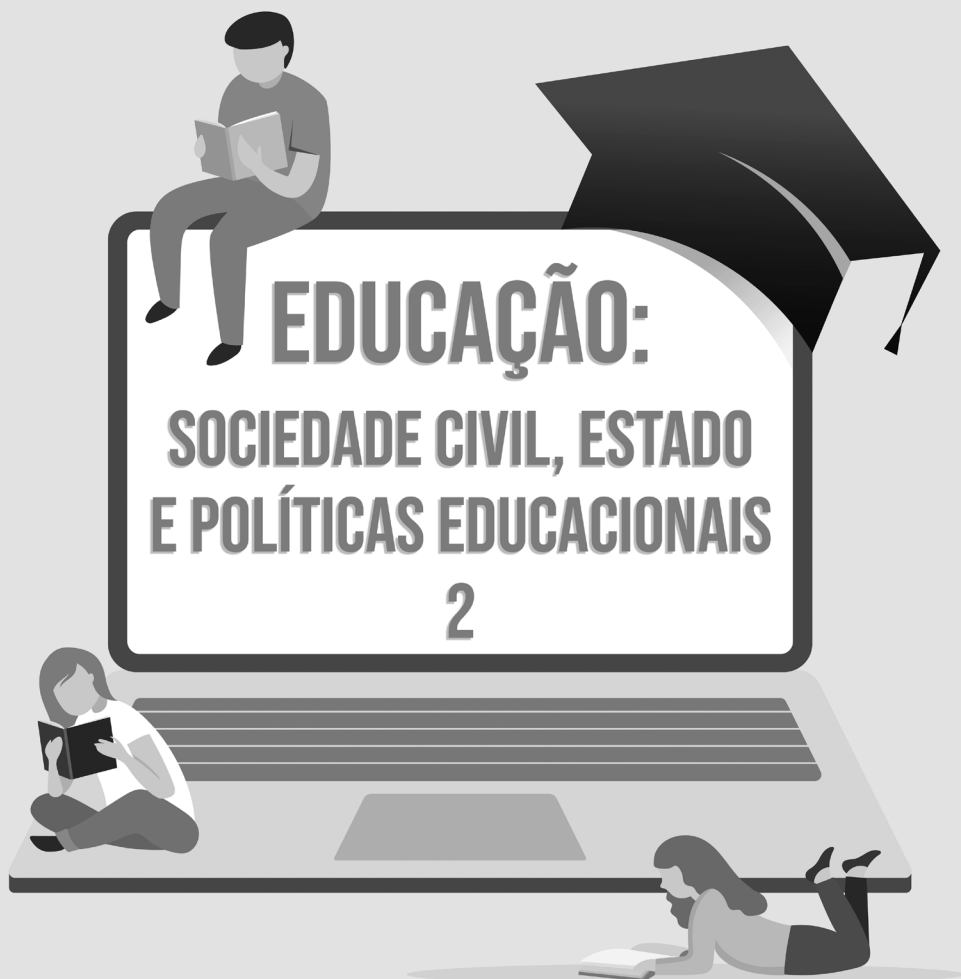
Valorização do magistério 138, 140, 142, 143, 146, 147, 154

Visitas 39, 130, 131

Vulnerabilidades 170, 173, 174, 175, 177

## **W**

Wikidata 39, 41, 42, 43, 44, 48, 50



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2021



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2021